



SOUZAEAD[®]

Revista Acadêmica Digital

ISSN 2595-5934



PERIODICIDADE
MENSAL

AGO
2026

EDIÇÃO
Nº100

IDIOMAS
PORTUGUÊS E INGLÊS

 **QUALIS B3**


CAPES

www.souzaeadrevistaacademica.com.br

**ATAQUES DE FACÇÕES CRIMINOSAS NO RIO GRANDE DO NORTE: UMA
ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA EM MARÇO DE 2023**
**CRIMINAL FACTION ATTACKS IN RIO GRANDE DO NORTE: AN ANALYSIS OF
MEDIA COVERAGE IN MARCH 2023**

MOREIRA, DANDARA FELLIPE¹
OLIVEIRA, GABRIELLE BORGES LIMA DE²
KNEIPP, VALQUÍRIA APARECIDA PASSOS³

RESUMO

Este artigo analisa a cobertura midiática dos ataques de facções criminosas ocorridos em março de 2023, no Rio Grande do Norte, e tem como objeto de estudo a cobertura jornalística da Tribuna do Norte. O objetivo é compreender como a mídia aborda e reporta eventos envolvendo facções criminosas, examinando o impacto da cobertura na opinião pública. A metodologia compreende a análise de conteúdo das notícias publicadas pela Tribuna do Norte durante o período dos ataques. Os fundamentos conceituais e teóricos envolvem a relação entre a mídia, crime organizado e opinião pública. No final do artigo, foi concluído que a Tribuna do Norte não usou a objetividade e empregou de termos para causar espanto.

Palavras-chave: Cobertura Midiática. Facções Criminosas. Opinião Pública. Tribuna do Norte. Ataques de Março de 2023.

ABSTRACT

This article analyzes the media coverage of the attacks by criminal factions that occurred in March 2023 in Rio Grande do Norte, focusing on the newspaper Tribuna do Norte. The objective is to understand how the media approaches and reports on events involving criminal factions, examining the impact of this coverage on public opinion. The methodology involves analyzing the content of news articles published by Tribuna do Norte during the period of the attacks. The conceptual and theoretical foundations involve the relationship between the media, organized crime, and public

¹ Jornalista pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e possui formação técnica em Serviços Públicos pela Etec CEPAM/USP. E-mail: dandara.moreira@gestaopublica.etc.br

² Jornalista pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisadora de inovação da Secretaria de Estado da Administração do Rio Grande do Norte. E-mail: borgesgabriello@gmail.com

³ Jornalista pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pós-doutorado em Comunicação pela Unesp Bauru. valquiriakneipp@yahoo.com.br

opinion. The article concludes that Tribuna do Norte lacked objectivity and employed terms intended to provoke shock.

Keywords: Media Coverage. Criminal Factions. Public Opinion. Tribuna do Norte. March 2023 Attacks.

INTRODUÇÃO

A cobertura midiática de eventos relacionados ao crime organizado exerce papel fundamental na construção da opinião pública e na compreensão social da violência. Ao selecionar temas, enquadramentos e linguagens, a mídia contribui para moldar percepções, medos e demandas sociais relacionadas à segurança pública. Nesse contexto, este artigo propõe analisar como o jornal Tribuna do Norte abordou os ataques de facções criminosas ocorridos em março de 2023 no Rio Grande do Norte.

O problema de pesquisa centra-se na forma como a narrativa jornalística pode influenciar a percepção social sobre o crime organizado, especialmente quando privilegia determinados enfoques, como o impacto econômico, a violência urbana ou a resposta estatal, em detrimento de análises estruturais. Observa-se que a cobertura tende a relatar os acontecimentos de forma episódica, com pouco aprofundamento sobre fatores como o sistema prisional e suas implicações sociais.

[...] o jornalismo impresso deve buscar a qualidade, procurando, sempre que possível, ser extensivo, explicativo, analítico e interpretativo. O que implica, dentre outras ações, estar apto a estabelecer relações, a contextualizar e a desenvolver os temas a partir de diferentes pontos de vista, e não de forma segmentada e fragmentária (NÓRA, 2011, p. 312).

Entretanto, a opção por matérias curtas e títulos de forte apelo emocional pode comprometer a qualidade da informação oferecida ao público. Assim, este estudo busca compreender como essas escolhas editoriais se manifestaram na cobertura analisada.

A metodologia empregada consiste na análise de conteúdo das reportagens publicadas pela Tribuna do Norte durante o período dos ataques, identificando padrões narrativos, termos recorrentes, enquadramentos e ênfases temáticas. O

trabalho ancora-se em fundamentos teóricos que discutem a relação entre mídia, crime e opinião pública, destacando o papel do jornalismo regional e de proximidade.

1.CONTEXTO HISTÓRICO

A conexão entre o surgimento de facções criminosas e fatores sociais, como desigualdade e falhas estatais, é respaldada pelo teórico Misse (2006). Nesse cenário, o Sindicato do Crime do Rio Grande do Norte (SDC-RN) consolidou-se como uma das principais forças do Nordeste. Originário do sistema prisional, o grupo expandiu-se devido a problemas sistêmicos de superlotação e precariedade, apontados pelo Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (2022). Segundo a reportagem do UOL de 2023, o SDC-RN diferencia-se do PCC por sua atuação mais violenta e focada no varejo de drogas, conforme relatam autoridades de segurança pública locais.

Em março de 2023, o estado do Rio Grande do Norte vivenciou uma série de ataques coordenados por membros da facção criminosa Sindicato do Crime, que incluíram incêndios a ônibus, prédios públicos e veículos em diversas cidades, além de tiroteios e suspensão de serviços públicos como transporte e aulas, gerando forte impacto na rotina da população. Esses episódios foram motivados, segundo autoridades e veículos de imprensa, como retaliação a ações repressivas do governo contra o crime organizado, incluindo prisões e transferências de líderes, e marcaram um dos piores episódios de violência urbana no estado em décadas, levando ao emprego de forças estaduais e federais para restaurar a ordem.

Os ataques de março de 2023 no Rio Grande do Norte não devem ser lidos apenas como uma crise de segurança pública, mas como a manifestação de uma governança criminal que tensiona a soberania estatal no cotidiano urbano (FELTRAN, 2018). A paralisia de serviços essenciais e os 298 ataques registrados pela Agência Brasil expuseram a porosidade entre o cárcere e a rua. Este cenário é indissociável do relatório do MNPCT (2022), que diagnosticou um quadro de 'tortura

institucionalizada' e vácuo estatal no sistema prisional potiguar, situando o cárcere como epicentro de uma retaliação política e social.

Para compreender a repercussão dos ataques de março de 2023, analisa-se a Tribuna do Norte sob a ótica do Jornalismo Regional e de Proximidade (CAMPONEZ, 2002). Diferente da mídia nacional, o jornalismo de proximidade busca atender aos interesses imediatos da população local, estreitando laços com a comunidade e abordando temas cotidianos, como o impacto econômico dos ataques nos negócios locais e a resposta das autoridades estaduais. A Tribuna do Norte, com sua trajetória histórica, cumpre esse papel de agendar assuntos públicos e sensibilizar cidadãos sobre a realidade potiguar.

A compreensão dos ataques de março de 2023 exige uma análise que supere a factualidade episódica. Sob a ótica de Sonia Aguiar (2016), o jornalismo de proximidade deve ser entendido a partir da complexidade dos "territórios", onde a notícia não é apenas um evento isolado, mas fruto de tramas sociais, geográficas e políticas pré-existentes. No Rio Grande do Norte, esse território foi tensionado pela falência do sistema prisional. Relatórios do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MNPCT, 2022) já alertavam, um ano antes da crise, para um cenário de "tortura institucionalizada", superlotação e negação de direitos básicos nas unidades potiguares, como a Penitenciária de Alcaçuz.

Diferente da narrativa da Tribuna do Norte, que enquadrava as reivindicações como busca por "regalias", a literatura latino-americana sobre jornalismo e violência (SILVA, ARAÚJO, 2022) aponta que o crime organizado ocupa vácuos deixados pelo Estado. Os ataques podem ser interpretados também como uma resposta violenta à precariedade carcerária, e não apenas um ato aleatório de "terror".

A Tribuna do Norte é um jornal diário fundado em 24 de março de 1950, na cidade de Natal, pelo jornalista e político Aluizio Alves, consolidando-se ao longo de sua trajetória como um dos principais veículos impressos do Rio Grande do Norte. Com circulação estadual e presença digital por meio de seu portal online, o periódico exerce papel relevante na mediação da informação local, influenciando o debate

público sobre temas políticos, econômicos e sociais. Nesse sentido, o veículo atua não apenas como fonte cotidiana de informação, mas também como registro histórico dos acontecimentos regionais (TRIBUNA DO NORTE, 2023)

A relevância da Tribuna do Norte no ecossistema mediático potiguar é ratificada por constantes reconhecimentos institucionais, como a sessão solene realizada pela Câmara Municipal de Natal em alusão aos seus 69 anos. Na ocasião, o veículo foi celebrado como um "patrimônio imaterial" do Rio Grande do Norte, destacando-se por sua capacidade de pautar o debate público e preservar a memória política e social do estado (NATAL, 2019). Essa posição de prestígio e autoridade conferida ao jornal reforça a responsabilidade ética do veículo na mediação de crises de segurança pública, uma vez que sua narrativa atua como a principal referência informativa para a população local, validando o que Sonia Aguiar (2016) define como a força do jornalismo de proximidade na construção da identidade territorial.

Entretanto, a análise editorial revela uma ênfase em crimes violentos, prática que dialoga com a teoria do Agendamento (Agenda-setting) de McCombs e Shaw, determinando a saliência do tema na sociedade. Essa exposição contínua à violência pode, segundo a Teoria do Cultivo (GERBNER, 1969), moldar a percepção de risco da população e influenciar demandas por políticas de segurança mais punitivas. Paralelamente, a Espiral do Silêncio de Noelle-Neumann (1993) alerta para o risco de coberturas simplistas que reforçam estereótipos, em oposição a abordagens que exploram a complexidade do crime organizado.

Portanto, é crucial que a cobertura regional evite o sensacionalismo e os "desertos de notícias", garantindo que aspectos estruturais do conflito não sejam ignorados. Estudos futuros devem aprofundar como a ética jornalística e as características do jornalismo de proximidade podem contribuir para uma compreensão mais equilibrada e menos estereotipada do crime organizado no contexto brasileiro.

Por fim, a conexão das descobertas e análises realizadas nesta pesquisa com o contexto brasileiro amplia a discussão, integrando a imprensa regional e nacional no cenário jornalístico do país, o que remete aos princípios do jornalismo de

proximidade. Essa perspectiva mais ampla enriquece a compreensão dos fenômenos midiáticos, considerando suas nuances regionais e nacionais.

2. UMA ANÁLISE DAS REPORTAGENS DO JORNAL TRIBUNA DO NORTE IMPRESSO

Nesta etapa, a metodologia de análise de conteúdo aplicada às notícias publicadas pela Tribuna do Norte foi feita a partir de três matérias que se destacaram, a manchete, “Rede hoteleira de Natal tem reservas canceladas”, da editoria de economia, “Governo evita chamar ataques de atos terroristas”, editoria geral e da identificação de palavras-chaves que mais se destacaram nas matérias, tópicos recorrentes, abordagens jornalísticas e tom das reportagens. A análise visa identificar se houve sensacionalismo, viés editorial ou ênfase em determinados aspectos dos ataques, como violência, impacto na comunidade ou ação das autoridades.

Os ataques iniciaram na madrugada do dia 13 para o dia 14. A versão impressa do dia 14 não trouxe reportagens e nem notícias referentes aos ataques. Foi a partir do dia 15 que o jornal começou a noticiar. A manchete analisada é de quarta-feira, dia 15 de março de 2023.

Figura 1: Manchete Analisada da Tribuna do Norte



EDITORIAL

CHEGA DE IMPUNIDADE

A população potiguar teve desde as primeiras horas de ontem uma demonstração da força e do tamanho do crime organizado no Rio Grande do Norte. Foram diversos atos terroristas registrados em sequência, em todas as regiões do Estado, atingindo quase 20 municípios. Ônibus foram queimados, prédios públicos metralhados, veículos do serviço público e de companhias privadas destruídos. Com medo, empresas decidiram encerrar o trabalho mais cedo e universidades e escolas cancelaram aulas. Até os postos de saúde dispensaram suas equipes antes do horário previsto. Em Natal, um verdadeiro clima de guerra em bairros dominados, há anos, pelos criminosos. Em meio a esse cenário assustador, as forças de segurança do Estado pareciam em outro mundo. Em nota à imprensa, a Secretaria de Segurança Pública informou que as autoridades constituídas estavam monitorando "o aumento de ocorrências criminosas", pela pasta classificadas, em inaceitável sofisma, como "eventual". A essa altura, já era mais de uma dezena os casos registrados na capital e nas cidades do interior potiguar. Depois, em coletiva à imprensa, o secretário de Segurança e o comandante da Polícia Militar confirmaram que o Governo do RN já tinha indícios de que ocorreriam os ataques orquestrados, e que o policiamento havia sido reforçado para conter o terror. Como se viu, de nada adiantou. No mesmo instante em que o Governo buscava convencer a imprensa de que medidas energéticas de segurança estavam sendo tomadas, mais veículos eram incendiados - à luz do dia - em ruas movimentadas de Natal. Uma desmoralização completa para um Estado cuja economia sobrevive, principalmente, às custas do turismo e que deveria ter o combate à criminalidade como prioridade para não perder a sua galinha dos ovos de ouro. Mas, de tanto repetir a narrativa de que esta é uma gestão de diálogo, o Governo do RN parece esperar para dialogar até mesmo com os bandidos, respeitosamente denominados pelo Comandante da Polícia Militar de "cidadãos infratores". Pior, impossível. Já passou da hora da criminalidade ser tratada como tal. Não é mais possível admitir - sob o pretexto de ser considerado cumprimento - um estado paralelo, onde facções determinam dia e hora de ataques, assaltos, atentados e até

TERROR NO RN

Ordem de ataques partiu de Alcaçuz; presos querem regalias



Ônibus foi incendiado no meio da tarde no bairro de Mãe Luiza. Ataques fizeram com que as empresas recolhessem os veículos mais cedo, deixando a população sem transporte na volta para casa. Universidades e escolas também cancelaram suas aulas. Forças de segurança prometem reação.

« **TERRORISMO** » Várias cidades do Rio Grande do Norte viveram um verdadeiro dia de terror nesta terça-feira (14). De dentro de Alcaçuz, líderes de facções criminosas ordenaram ataques a ônibus, prédios públicos e veículos de estabelecimentos privados e companhias ligadas ao Estado. Os presos exigem uma série de regalias e também estão insatisfeitos com as recentes operações contra o crime no RN. « **PÁGINAS 7 A 9** »

Fonte: <https://tribunadonorte.com.br/natal/relembre-os-fatos-que-foram-destaque-na-cidade-durante-o-ano/>

A análise visa identificar não apenas o conteúdo manifesto, mas os mecanismos latentes de sensacionalismo e viés editorial, investigando como a ênfase na violência e no impacto econômico dialoga com a ação das autoridades e a percepção da comunidade

Um dado relevante precede a análise textual: o silêncio inicial. Embora os ataques tenham eclodido na madrugada de 14 de março, a edição impressa desse dia não noticiou o fato, obedecendo ao fechamento industrial do jornal. Foi somente no dia 15 que o veículo rompeu o silêncio, não apenas informando, mas definindo o tom emocional da crise.

Ao examinar a manchete do dia 15 de março, "TERROR NO RN", estampada em letras vermelhas e caixa alta, interpreta-se que o veículo transcende a função informativa de um jornal de referência regional. Sob a luz da teoria do gatekeeping, observa-se que os editores atuam como "porteiros" que não apenas selecionam os fatos, mas também hierarquizam e enquadram emocionalmente os acontecimentos. Nesse processo, conforme discutido por Nelson Traquina (2005) e Mauro Wolf (2003), o jornalismo opera uma construção social da realidade (*newsmaking*), na qual critérios de noticiabilidade e rotinas produtivas contribuem para instituir o pânico como dominante interpretativo. A escolha da cor vermelha e da tipografia em caixa alta funciona como signo visual de alerta e perigo, ativando esquemas cognitivos associados à violência e ao estado de emergência.

A leitura crítica do material sugere um alinhamento direto com a Sociedade do Espetáculo de Debord (1997). As autoras destacam que o subtítulo; "Ordem de ataques partiu de Alcaçuz; presos querem regalias" é sintomático dessa espetacularização. Ao utilizar o termo "regalias" para classificar as reivindicações, o jornal simplifica a complexidade da crise carcerária e deslegitima o debate sobre direitos humanos constitucionais, ignorando violações sistêmicas apontadas por órgãos de controle. A análise indica que essa escolha lexical constrói uma narrativa maniqueísta (bem versus mal), que prioriza a dramatização em detrimento da profundidade sociológica necessária para compreender as raízes do conflito.

No tocante à repercussão econômica, evidenciada na edição de 17 de março, as autoras correlacionam as manchetes sobre o cancelamento de pacotes turísticos com a reiteração do termo "terror". Aqui, a pesquisa infere a manifestação prática da Teoria do Cultivo (GERBNER, 1969). A interpretação é que a exposição contínua a dados alarmantes (queda de 80% no movimento de bares, cancelamento de 20% das reservas) cumpre, inicialmente, o papel do Jornalismo de Proximidade (CAMPONEZ, 2002) ao alertar o setor produtivo local. Contudo, essa repetição acaba por ampliar a percepção de insegurança, moldando a subjetividade do leitor para demandar soluções de força e ignorar contextos sociais, visto que o medo passa a ter um valor monetário tangível.

Simultaneamente, a pesquisa evidencia uma disputa semântica e política na reportagem "Governo evita chamar ataques de atos terroristas". As autoras analisam esse embate sob a ótica do Agendamento (Agenda-Setting) (COLEMAN et al., 2009). Conclui-se que a mídia não atua apenas como espelho da realidade, mas como agente de pressão (Agenda-Building). Ao confrontar a negativa técnica da delegada-geral, que buscava evitar o termo "terrorismo" por questões jurídicas, com a realidade violenta das ruas narrada pelo jornal, a Tribuna do Norte pauta a necessidade de intervenção federal. As autoras identificam isso como uma influência direta da narrativa jornalística na aceleração de políticas de segurança pública, como a convocação da Força Nacional.

Por fim, ao avaliar os dados quantitativos apresentados pelo jornal, que classificou a onda como a maior da história com 290 ocorrências, a análise dialoga com a Teoria Crítica (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A conclusão das autoras é que, ao expor a ineficiência estatal de forma espetacularizada e quantitativa, a mídia regional molda a compreensão da realidade de forma a reforçar estereótipos punitivistas. A pesquisa sustenta, portanto, que a cobertura analisada, embora essencial para romper "desertos de notícias", priorizou o impacto emocional e a ordem pública em detrimento de uma abordagem fundamentada nos direitos humanos e nas causas sociais profundas do conflito carcerário.

2.1 ENTREVISTA COM ÍCARO CARVALHO DA TRIBUNA DO NORTE

Para compreender a dinâmica interna da redação durante a cobertura dos ataques, a pesquisa recorre à perspectiva de Ícaro César Carvalho, jornalista que atuou como repórter da Tribuna do Norte por oito anos. A escolha do entrevistado justifica-se por sua trajetória consolidada e reconhecimento pelos pares, acumulando prêmios de relevância regional e nacional, como o Prêmio Ministério Público de Jornalismo (2022, 2023) e o Prêmio Sebrae-RN (2023, 2024). Sua experiência multimidiática, abrangendo rádio, TV e impresso, e sua atuação durante a crise de segurança conferem legitimidade à descrição das rotinas produtivas do veículo.

Ao relatar seus métodos na entrevista, Carvalho enfatiza a centralidade da verificação factual como princípio normativo do jornalismo. No entanto, estudos contemporâneos indicam que a produção noticiosa não se esgota na aplicação de protocolos técnicos, sendo atravessada por dinâmicas estruturais, organizacionais e tecnológicas que influenciam diretamente o produto final, evidenciando uma reconfiguração do *gatekeeping* como processo expandido e multinível (PICCININ, PAULINO, SANTOS, 2025).

Nesse contexto, a dificuldade de acesso a fontes primárias, especialmente em coberturas de violência e crime organizado, atua como fator crítico na construção da notícia, uma vez que restrições operacionais tendem a reforçar a dependência de fontes institucionais e oficiais, produzindo assimetrias narrativas. Esse fenômeno se articula diretamente com os processos de enquadramento (*framing*), nos quais determinados aspectos da realidade são enfatizados enquanto outros são marginalizados, orientando a interpretação do público (CALDERON, GONZALEZ, CHOCANO, 2024).

A dissonância entre intenção jornalística e efeito social torna-se particularmente visível quando se analisa a dimensão discursiva e estética da notícia. Evidências recentes demonstram que manchetes, escolhas lexicais e elementos visuais constituem dispositivos centrais de produção de sentido, sendo capazes de intensificar percepções de risco, medo e urgência, sobretudo em coberturas de

violência (PEREIRA, 2024). Ademais, o enquadramento narrativo de eventos críticos opera por meio da organização dos acontecimentos em estruturas interpretativas que direcionam a leitura do público, frequentemente priorizando conflito e dramaticidade (CALDERON, GONZALES, CHOCANO, 2024).

Essa lógica é aprofundada no ecossistema midiático contemporâneo, marcado pela convergência entre jornalismo tradicional e plataformas digitais. Estudos recentes apontam que dinâmicas de mediação e circulação ampliam conteúdos emocionalmente carregados, favorecendo a propagação de narrativas alarmistas e intensificando seus efeitos sociais (PICCININ; PAULINO; SANTOS, 2025).

Adicionalmente, análises no campo da comunicação indicam um deslocamento do jornalismo informativo para formas narrativas que se aproximam do espetáculo, especialmente em contextos de crise e violência. Esse movimento se manifesta na valorização de elementos dramáticos, na repetição de imagens e na intensificação de apelos emocionais, contribuindo para a construção de uma percepção social ampliada do risco e da insegurança (FIEGENBAUM, 2024). Nessa perspectiva, a produção da notícia não apenas reflete a realidade, mas participa ativamente da construção de sentidos e da experiência social do público (CARVALHO, BRONOSKY, 2024).

Dessa forma, a análise sugere que, mesmo quando orientado por princípios de verificação e precisão, o jornalismo contemporâneo opera como um processo simbólico complexo, no qual seleção, enquadramento e apresentação interagem para produzir efeitos sociais significativos. A cobertura da violência, em particular, evidencia que o impacto da notícia não decorre exclusivamente da veracidade dos fatos, mas da forma como são organizados, narrativizados e amplificados no ambiente midiático.

Portanto, a contribuição de Carvalho elucida que o sensacionalismo observado na análise não necessariamente decorre de má prática individual, mas de uma cultura editorial e de pressões sistêmicas. Embora o jornalista busque a exclusividade e a veracidade, elementos cruciais para a credibilidade do veículo, a soma dessas práticas, quando filtradas por uma linha editorial alarmista, resulta na amplificação do

medo e da insegurança coletiva, confirmando a responsabilidade social da mídia na gestão emocional da crise.

O veículo atua como a principal tradutora dessa crise para a esfera pública regional. Contudo, em um cenário de erosão do jornalismo local e fluxos informacionais desiguais, a mediação desse conflito corre o risco de converter a complexidade antropológica da violência em mero espetáculo punitivista, negligenciando as vulnerabilidades estruturais dos sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da cobertura da *Tribuna do Norte* sobre os ataques de março de 2023 revela que o jornalismo de proximidade, embora essencial para a manutenção da esfera pública regional, operou sob uma lógica de "empatia direcionada" (OLIVEIRA, SENTO-SÉ, 2022). Verificou-se que a construção narrativa priorizou o espanto e o alarme social em detrimento da objetividade analítica. Ao utilizar léxicos que evocam o "terror", o veículo não apenas informou, mas moldou um imaginário de medo que silencia as causas estruturais do conflito em favor de uma estética punitivista.

Essa postura editorial evidencia o que Michel Misse (2006) conceitua como sujeição criminal: a cristalização de tipos sociais (os custodiados e membros de facções) como figuras desprovidas de direitos, cujas reivindicações contra a "tortura institucionalizada", foram convertidas pelo jornal na narrativa de busca por "regalias". Assim, a *Tribuna do Norte* atuou como um agente de reforço da exclusão, onde a subjetividade do "outro" é apagada para validar a repressão estatal imediata.

Do ponto de vista da governança criminal (FELTRAN, 2018), a cobertura falhou ao não ler os ataques como uma resposta política a um sistema prisional em colapso, preferindo o enquadramento do prejuízo econômico ao setor turístico e hoteleiro. Essa escolha metodológica do jornalismo local reforça fluxos informacionais desiguais: enquanto o impacto no capital é detalhado, as violações de direitos humanos no cárcere permanecem em um vácuo interpretativo.

Contudo, é imperativo reconhecer a ambivalência da *Tribuna do Norte* no contexto dos desertos de notícias. Como principal veículo de um território em disputa, o jornal desempenha o papel de um "farol informativo" (AGUIAR, 2016), preenchendo lacunas de informação em áreas onde o Estado e a mídia nacional raramente alcançam. No entanto, essa autoridade territorial exige uma responsabilidade ética que supere o pânico moral.

Em última instância, este estudo conclui que o fortalecimento da democracia no Rio Grande do Norte passa, necessariamente, por um jornalismo regional que transcenda a espetacularização. É urgente que veículos como a *Tribuna do Norte* evoluam de mediadores do medo para promotores de um debate público complexo, capaz de integrar a segurança pública à dignidade humana e à justiça social.

Em conclusão, o estudo da cobertura jornalística da *Tribuna do Norte* sobre os ataques de facções no Rio Grande do Norte destaca não apenas a importância do jornalismo local e de proximidade, mas também ressalta a necessidade de um equilíbrio entre informação imediata e análise aprofundada. A atuação desse veículo regional contribui significativamente para preencher possíveis vazios informativos e fortalecer a conexão entre a mídia e a comunidade local, essencial para uma sociedade informada e participativa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGUIAR, Sonia. *Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

UOL. Batismo e veto a Rivotril: como é o Sindicato do Crime, rival do PCC no RN. 15 mar. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/03/15/o-que-e-sindicato-do-crime.htm>. Acesso em: 10 dez. 2025.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. *Relatório de Inspeção no Rio Grande do Norte: Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MNPCT)*. Brasília: MDHC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt->

br/assuntos/noticias/2023/marco/divulgado-relatorio-sobre-a-situacao-do-sistema-prisional-no-rio-grande-do-norte. Acesso em: 19 mar. 2026.

CALDERON, Andrés; GONZALES, Susana; CHOCANO, Francesca. Framing the violence: a typology of aggressions against journalists and press freedom in Peru. *Brazilian Journalism Research*, v. 20, 2024.

CAMPONEZ, Francisco. *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: Minerva, 2002.

CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. Jornalismo e estudos culturais: problemas de redefinição lógica. *Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, v. 11, 2024.

COLEMAN, Renita et al. Agenda setting. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (org.). *The handbook of journalism studies*. New York: Routledge, 2009. p. 147-160.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FELTRAN, Gabriel. *Irmãos: uma história do PCC*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. Do fato à narrativa: a produção da notícia e os efeitos sobre o sentido de realidade. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 47, 2024.

GERBNER, George. Toward "Cultural Indicators": The Analysis of Mass Mediated Public Message Systems. *AV Communication Review*, v. 17, p. 137-148, 1969.

MISSE, Michel. *Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

NATAL. Câmara Municipal de Natal. Sessão Solene homenageia 69 anos da Tribuna do Norte. Natal: CMN, 24 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cmnat.rn.gov.br/noticias/1079/sexo-solene-homenageia-69-anos-da-tribuna-do-norte>. Acesso em: 19 mar. 2024.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. *The Spiral of Silence: Public Opinion—Our Social Skin*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

NÓRA, Gabriela. Jornalismo impresso na era digital: uma crítica à segmentação do público e à fragmentação do noticiário. *Rumores*, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 297-314, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Fabiano; SENTO-SÉ, João Trajano. Empatia direcionada: A representação do preso enquanto vítima na cobertura da crise penitenciária de 2017. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 15, p. 103-128, 2022.

PEREIRA, Rafael Rodrigues. Por que tanta violência? Uma análise da cobertura jornalística do assassinato de Roberta da Silva à luz do Jornalismo para Paz. Comunicologia, v. 17, 2024.

PICCININ, Fabiana; PAULINO, Rita; SANTOS, Marcio Carneiro dos. Gatekeeper reload: the expansion of news planning in the age of artificial intelligence. Brazilian Journalism Research, v. 21, 2025.

SILVA, Reginaldo Vitor da Silva; ARAUJO, Camila Oliveira Reis. Ponderações Sobre Organizações Criminosas: o desenvolvimento de grupos criminosos, a ocorrência de Black Spots e a ameaça de uma insurgência criminal em face do Estado Democrático de Direito. In: Anais do Simpósio Mineiro de Gestão, Educação, Comunicação e Tecnologia da Informação: SIMGETI. Anais...Varginha (MG) Unis - MG, 2022.

SHOEMAKER, Pamela J.; VOS, Timothy P. Teoria do gatekeeping. Porto Alegre: Penso, 2011.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIBUNA DO NORTE. A fundação da Tribuna. Natal, 23 mar. 2021. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/colunas/jornal-de-wm/a-fundacao-da-tribuna/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

TRIBUNA DO NORTE. Institucional: quem somos. Natal, 2023. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 19 mar. 2026.

TRIBUNA DO NORTE. Terror no RN. Natal, 15 mar. 2023. Capa.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 8. ed. Lisboa: Presença, 2003.